

*Os Contos  
dos Blythes* Vol. 2



*Os Contos  
dos Blythes* Vol. 2  
LUCY MAUD MONTGOMERY

Tradução  
Thalita Uba



Ciranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto  
Lucy Maud Montgomery

Revisão  
Mariana Góis  
Adriane Gozzo

Tradução  
Thalita Uba

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Preparação  
Fernanda R. Braga Simon

Ilustração de capa  
Beatriz Mayumi

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

M787c Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942

Os contos dos Blythes Vol. II / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Thalita Uba ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.

112 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Ciranda Jovem)

Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5500-467-0

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Contos. I. Uba, Thalita. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-2156

CDD 028.5  
CDU 82-93

---

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

## Volume 2

<b>Pós-guerra</b> .....	7
Cuidado, irmão .....	9
Lá vem a noiva .....	27
Uma mulher comum.....	61
A estrada para o passado .....	95



# PÓS-GUERRA







## **CUIDADO, IRMÃO**

Nenhuma mudança havia ocorrido na residência Randebush, em Upper Glen, nos últimos quinze anos, desde que Nancy, amada esposa de Amos Randebush, falecera. Amos, seu irmão Timothy e Matilda Merry simplesmente seguiam a vida em paz e contentes. Ao menos Amos e Timothy viviam felizes. Se Matilda Merry, que contradizia como ninguém o significado de seu sobrenome, não vivia contente, a culpa era toda dela. Ela tinha um bom emprego como governanta e uma leve queixa de reumatismo crônico. Diziam que era uma mina de ouro para o doutor Gilbert Blythe. Amos lhe pagava uma remuneração justa e nunca reclamava quando seus biscoitos estavam murchos ou o assado passava do ponto. Às vezes, quando a observava sentada à ponta da mesa e comparava seus cabelos castanho-claros ralos e o semblante pessimista às tranças brilhantes e ao rosto rosado de Nancy, ele suspirava. Mas nunca dizia nada. Quanto ao reumatismo, uma mulher precisa ter do que falar.

Timothy era mais filosófico. Matilda o satisfazia plenamente. Nancy era bonita e boa dona de casa, mas, pela língua do gato, como era caxias

com todas as regras! Era preciso limpar as solas das botas, raspando-as, antes de entrar em casa. Nem o ministro e o doutor Blythe escapavam. Amos por vezes se rebelara sob o comando dela, mesmo que agora só se lembrasse de suas qualidades. Era isso que as mulheres faziam com você, até depois de mortas. Timothy agradeceu às estrelas por nenhuma delas ter conseguido fisgá-lo. Não, obrigado! Sempre odiara todas em geral, à exceção da senhora Blythe, que tolerava, mas como detestava aquela Winkworth em particular! Covinhas, por Deus! Caras e bocas, ora essa! Cabelos cor de caramelo e olhos sedutores! Pela língua do gato! Será que alguém teria imaginado que Amos poderia ser tão tolo? Uma lição não era suficiente? Evidentemente, não, quando se é uma criatura sem colhões como Amos e se tem de lidar com uma diaba ardilosa, manipuladora, astuciosa e desesperada como aquela tal Winkworth! Mas alto lá! Amos podia ser impotente diante de seus fascínios, e a senhora Blythe podia estar dando um empurrãozinho. Ele não ouvira falar que ela gostava de bancar o cupido? Mas Amos tinha um irmão que o salvaria, apesar de não tê-lo feito por si mesmo.

A senhorita Alma Winkworth estava se hospedando com os Knapps, em Glen St. Mary. Eles haviam informado que ela trabalhava no Hillier's Beauty Shoppe, em Boston, tinha feito uma cirurgia e precisaria estender suas férias além das costumeiras duas semanas antes de voltar a trabalhar. Timothy não acreditava nem um pouquinho na tal cirurgia. Muito provavelmente, o doutor e a senhora Blythe estavam metidos na trama. Alma Winkworth não teria uma aparência tão deslumbrante se tivesse sido operada. Aquilo não passava de um jogo para conquistar empatia. Ela só havia ido a Glen St. Mary para tentar fisgar um homem e, por Deus, estava prestes a conseguir. E teria feito se ele, Timothy, não estragasse seus planos.

Eles a tinham visto pela primeira vez na igreja, sentada ao lado dos Blythes, no banco à sua frente... Maria Knapp nunca ia à igreja... Uma criatura sorridente, que parecia, a julgar pelos cabelos e pelo semblante, uma ótima garota-propaganda de uma loja de produtos de beleza. Na noite seguinte, ele fora até a casa dos Knapps; deu alguma desculpa esfarrapada, e essa foi a oportunidade da criatura. Veja o que ela já havia feito com ele. Para todos, já era época de colheita, quando os homens precisavam trabalhar e dormir. Amos passava o dia com a cabeça nas nuvens e, quando a noite chegava, fazia a barba e se arrumava, ajeitava o bigode e descia até Glen, alegando ter alguma reunião da Associação dos Criadores de Raposas.

Outro mau sinal era que Amos tinha se tornado subitamente sensível em relação à idade. Quando, em seu aniversário de cinquenta anos, Timothy o parabenizou por ter chegado à marca de meio século, Amos afirmou, em tom irritado, que não sentia ter nem um dia a mais que quarenta anos. Winkworth contara aos Blythes que *ela* tinha quarenta anos, sem dúvida para encorajar Amos, pois que mulher solteira admitiria ter essa idade se não tivesse um propósito nefasto?

Parecia a Timothy que nada além de um milagre poderia impedir Amos de pedir a mão da tal Winkworth em casamento. Ele ainda não o fizera... Timothy tinha quase certeza disso, por seu comportamento de nervosismo e incerteza. Ele deveria fazê-lo em até dez dias, já que precisaria ir à Exposição Nacional Canadense, em Toronto, pois era o responsável por uma remessa de raposas de prata que a Associação dos Criadores de Raposas estava enviando para lá. Ele ficaria ausente por duas semanas, e as férias da tal Winkworth teriam acabado quando ele retornasse. Então Timothy tinha bastante certeza de que ele a pediria em casamento antes de viajar.

Não, por Deus, ele não pediria! Uma irmandade harmoniosa de uma vida inteira não seria destruída por isso. Timothy teve uma inspiração divina. A Ilha de Joe! Essa era a resposta à sua prece!

Os detalhes causavam uma ansiedade considerável a Timothy. O tempo estava acabando e, por mais que quebrasse a cabeça, ele não conseguia pensar em uma maneira de levar a tal Winkworth até a Ilha de Joe sem que alguém ficasse sabendo. Mas a Providência abriu uma porta. A senhora Knapp foi até a loja de Upper Glen e deu uma passada para visitar Matilda Merry. Elas estavam sentadas na varanda dos fundos, fofocando, quando Timothy, que estava deitado no sofá da cozinha, bem ao lado da janela, ouviu algo que o fez se levantar imediatamente em um lampejo de inspiração. A senhorita Winkworth, pelo que a senhora Knapp disse, ia passar um ou dois dias em Charlottetown com uma amiga que vivia lá. Ela pegaria o trem do porto. A senhora Blythe também estaria, pois faria uma visita a Avonlea.

Então era por isso, refletiu Timothy acidamente, que Amos parecia tão cabisbaixo e deprimido o dia todo, falando sobre pegar um comprimido cura-tudo com o doutor Blythe. Pela língua do gato! Ele devia estar mesmo mal se a perspectiva de ficar longe de sua amada por alguns dias o fazia precisar do cura-tudo! Bem, quanto mais quente o fogo, mais rápido a chama apaga. Amos logo superaria essa paixão e ficaria grato por ter escapado... Sim, antes que tomasse metade dos comprimidos do doutor Blythe.

Timothy não perdeu tempo. Tinha certeza de que Amos a levaria até o trem, mas o automóvel de Amos ainda estava no quintal. Timothy foi até o celeiro e tirou o próprio automóvel. Seu único medo era de que Amos também fosse buscar a senhora Blythe.

– Aonde será que *ele* vai? – indagou a senhora Knapp enquanto Timothy manobrava o carro no quintal.

– Deve estar indo até o porto pegar peixe – respondeu Matilda. – Ele teria feito a barba e se trocado se fosse visitar alguém, mesmo que fosse apenas até Ingleside atrás de cura-tudo. Cura-tudo! Amos precisa desse remédio tanto quanto eu. Timothy tem pelo menos quarenta e cinco anos, mas é vaidoso como um pavão.

– Ele é um homem muito bonito – observou a senhora Knapp. – Bem mais que Amos, se quer saber minha opinião. Amos é o que se poderia chamar de “insignificante”, como diria a senhora Blythe.

– Você acha que Amos e a sua pensionista acabarão se casando, Maria?

– Não me admiraria – respondeu a senhora Knapp. – Ele certamente tem sido muito atencioso. E a senhora Blythe tem se esforçado ao máximo para fazer acontecer. Nada pode impedi-la de bancar o cupido. E acho que a senhorita Winkworth está bem cansada de encarar a vida sozinha. Mas não tenho como afirmar... Ela é bastante reservada.

A tal Winkworth estava sentada na varanda dos Knapps quando Timothy chegou. Estava pronta para viajar, com seu terninho azul-marinho, um chapeuzinho com laço verde e a mala a seus pés.

– Boa noite, senhorita Winkworth – disse Timothy asperamente. – Lamento, mas meu irmão não pôde vir. Acabou se atrasando por algum problema com as raposas. Então vim buscá-la para levá-la ao trem.

– É muita gentileza da sua parte, senhor Randebush.

Ela certamente tinha uma voz agradável. E uma figura muito elegante. E um jeito de olhar! Imediatamente, Timothy lembrou que não fizera a barba naquele dia e que havia pedaços de palha grudados em seu suéter.

– Acho que é melhor nos apressarmos – disse ele, sério. – Está quase na hora do trem.

A tal Winkworth entrou no carro sem desconfiar de coisa alguma. Timothy se acalmou. Estava sendo muito mais fácil do que esperava. E, por sorte, era evidente que não havia nada combinado para buscar a senhora Blythe.

Mas o momento crucial chegaria quando ele saísse da estrada de Upper Glen e pegasse a trilha cheia de mato e raízes expostas que levava até a baía. Ela sentiria que algo não estava cheirando bem.

E sentiu.

– Este não é o caminho para a estação, é? – perguntou ela com leve surpresa na voz.

– Não, não é – respondeu Timothy, mais sinistramente que nunca.  
– Não estamos indo para a estação.

– Senhor Randebush...

A tal Winkworth se percebeu encarando olhos muito austeros.

– Ninguém vai machucá-la, senhorita. Nenhum mal lhe será feito se você fizer exatamente o que eu mandar e ficar de bico calado.

A tal Winkworth, após um arquejo, permaneceu quieta. Provavelmente achava necessário obedecer aos loucos.

– Saia – ordenou Timothy quando eles chegaram ao fim da estrada.  
– Então desça diretamente até o embarcadouro e entre no barco que está amarrado lá.

Não havia ninguém em vista. A tal Winkworth desceu até o embarcadouro, com Timothy a seguindo logo atrás, sentindo-se o máximo, ousado e bucaneiro. Pela língua do gato! Era assim que se lidava com elas! E pensar que o doutor Blythe vivia dizendo que mulheres eram iguais aos homens!

Quando eles partiram e estavam deslizando alegremente pela água, ela perguntou delicadamente, com leve tremor apaziguador na voz:

– Aonde... Aonde está me levando, senhor Randebush?

Não havia nenhum mal em contar a ela.

– Eu a estou levando para a Ilha de Joe, senhorita. Fica a pouco mais de seis quilômetros do porto. Vou deixá-la lá por alguns dias, e meu motivo diz respeito apenas a mim, como diria o doutor Blythe. Como eu disse, a senhorita não será machucada e ficará bastante confortável. A residência de verão de Kenneth Ford fica na ilha, e sou o zelador. Os Fords foram passar o verão na Europa em vez de vir para Glen St. Mary. Tem bastante comida enlatada na casa e bom fogão, e, pelo que sei, você sabe cozinhar. Ao menos a senhora Blythe disse ao meu irmão, Amos, que sabia.

Ela lidou com a situação de forma admirável... Era preciso reconhecer. Qualquer outra mulher que ele conhecia, à exceção da senhora Blythe, teria ficado histérica. Ela nem sequer perguntou qual era o motivo. Provavelmente, já suspeitava. Maldita seja! Sentada ali, tranquila e composta, como se ser sequestrada fizesse parte do dia a dia!

– Você não acha que alguém vai criar um alvoroço quando perceber que estou desaparecida? – perguntou ela após uma pausa.

– Quem vai sentir sua falta? – indagou ele. – Amos pensará que você ficou com medo e pegou outra carona.

– Seu irmão não ia me levar. Eu ia com os Flaggs – explicou a tal Winkworth delicadamente. – Mas e quando eu não voltar, daqui a dois dias, acha que a senhora Knapp não ficará preocupada?

– Não. Ela pensará que você simplesmente foi convencida a ficar mais tempo na cidade. E o médico e a esposa dele ficarão duas semanas em Avonlea. Além disso, e daí se as pessoas realmente começarem a questionar? Elas apenas pensarão que você retornou para Boston para se livrar de ter de pagar pela estadia.